

O Hamlet de Pericumã e as esperanças que se esvaem

DIÁRIO DA TARDE

A esperança despertada no início deste ano pela política realista do ministro Mailson da Nóbrega, que parecia ter força suficiente para derrubar o Muro da Burrice erguido pelo PMDB entre o Brasil e o mundo desenvolvido, esvaiu-se depois que, na sequência da aprovação do presidencialismo com cinco anos, o Hamlet de Pericumã decidiu que não quer ser (governo). Se quando tinha a desculpa da ameaça sobre o seu mandato ele se sentia autorizado a não agir diante da catástrofe financeira do Estado que ameaça levar de roldão toda a economia brasileira, a única modificação perceptível na atitude do atual inquilino do Palácio do Planalto é que agora ele continua decidido a não agir, só que procurando dar a impressão de que está agindo. Só assim podemos interpretar a sugestão de estabelecer a livre negociação salarial capenga que o governo propôs em lugar da correção automática pela URP (capenga porque o governo cogita de proibir o repasse dos aumentos para os preços, a menos que autorizados pelo CIP, tirando com uma mão o que aparentemente daria com a outra e impedindo assim que as leis do mercado, invocadas como justificativa para a sugestão prevaleçam plenamente em todo o circuito). Ao deixar a ponta dos preços amarrada ao CIP, o governo revela a verdadeira intenção de sua sugestão: é mais uma maneira encontrada pelo nosso Hamlet (governar ou não governar, eis a questão...) para não atacar de frente o problema das folhas de pagamentos do Estado.

Tudo isto reforça, sem dúvidas, a desconfiança interna no governo cujo chefe, pela terceira vez em três anos, joga pela janela as oportunidades que a sorte e a História insistem em lhe dar — a primeira com a morte de Tancredo Neves que o pôs na cadeira onde está, a segunda com o "milagre" do Plano Cruzado que ele simplesmente implodiu, e a terceira com a votação da superterça-feira na Constituinte que lhe deu o que ele não fez por merecer — e dá uma nova oportunidade ao inimigo vencido de "dar a volta por cima": depois que Sarney admitiu que continuassem onde estão os ministros "inimigos do presidente", os "dissidentes" do PMDB substituíram providentemente a sua anunciada ruptura com o partido por inócuos manifestos, enquanto o sr. Ulysses Guimarães, tão preocupado quanto Sarney com os verdadeiros problemas da Nação e com questões de princípios, passou a lembrar insistentemente aos seus pares que o PMDB "continua sendo uma legenda de grandes possibilidades eleitorais". Mas o mais grave é que a decisão de não ser do nosso Hamlet e a conseqüente cozedura em vaselina morna dos planos do ministro que acreditou que ele seria (governo) também já está ameaçando seriamente o calendário externo acertado em fevereiro por Mailson da Nóbrega com os bancos credores e com o FMI.

Confiando, certamente, no senso de responsabilidade do presidente e na inexorabilidade dos números que lhe apresentou, o ministro da Fazenda apostou preciosos dólares de nossas reservas internacionais no pagamento de parte dos juros vencidos. Mas como o nosso Hamlet decidiu por não ser, Mailson da Nóbrega precisa agora rever todas as etapas de seu plano para chegar a um acordo com o FMI até meados do ano. Se esse acordo não sair a tempo, também não serão concluídos os entendimentos com os bancos privados e muito menos com os credores do Clube de Paris, que só começarão a conversar quando o board do Fundo tiver aprovado o novo programa de ajustamento macroeconômico brasileiro.

No entanto, o cronograma esboçado pelo ministro da Fazenda para o acordo com o FMI está consideravelmente atrasado, pois o organismo internacional espera o anúncio das medidas de austeridade pelo governo brasileiro, nas quais se incluem o corte das despesas com salários do pessoal do setor público, para só depois enviar sua missão técnica ao Brasil. Originalmente, essa missão deveria ter chegado no dia 29 de março...

O tempo corre contra os interesses brasileiros, pois em junho vencerá o prazo para o desembolso da última parte do empréstimo-ponte feito pelos maiores bancos do País em fins do ano passado. Os bancos já entraram com US\$ 1 bilhão e ainda precisam desembolsar mais US\$ 2 bilhões. Esse dinheiro, mais os US\$ 1,5 bilhão que correspondem à parte do governo brasileiro, destina-se apenas a cobrir os juros vencidos no ano passado.

Os próximos passos do acordo com os credores dependem diretamente das medidas de controle do déficit interno do governo e do acerto final com o FMI, o qual também depende a normalização dos créditos do Banco Mundial ao País. Os bancos privados estão muito interessados, como foi noticiado, em um aval do Bird para o novo empréstimo-ponte que o Brasil vai precisar para continuar pagando os juros que estão vencendo este ano. Até o momento o Brasil só acertou os juros referentes a janeiro e fevereiro.

Em suma, tudo está parado à espera de uma palavra do nosso Hamlet...

Com isso a credibilidade do ministro junto aos nossos credores e às autoridades dos nossos maiores parceiros comerciais começa a sofrer um inevitável desgaste, pois, como homem de boa fé, se esqueceu de que (ou não quis acreditar que) serve a um governo que não é, e empenhou sua palavra na promessa de que seriam tomadas medidas duras para conter o déficit. Na medida em que os dias passam, tanta indefinição começa a parecer — aqui e lá fora — uma definição, e com isso o nosso Hamlet ameaça jogar pela janela a quarta oportunidade que a História lhe oferece de resgatar seu nome: a de se aproveitar de uma conjuntura internacional nunca antes tão favorável ao desenvolvimento econômico, mesmo para países superendividados e sem poupança própria, caracterizada pela disponibilidade de trilhões de dólares circulando pelo mercado financeiro internacional à procura de bons investimentos, seja onde for. Tantos trilhões de dólares que, mesmo nos dois anos que restam ao sr. Sarney, poderiam tirar o Brasil do buraco e lançá-lo no limiar do primeiro mundo.

Tudo isso se torna ainda mais doloroso quando se recorda que, apesar de tudo, a economia brasileira ainda mostra uma vitalidade quase milagrosa, inventando maneiras de continuar viva e produzindo, ainda que seja apenas para vender para mercados que não são afetados pelas dúvidas (ou decisões) do nosso Hamlet, ou respondendo imediatamente aos impulsos que o ministro Mailson da Nóbrega consegue imprimir-lhe nas poucas vezes em que o seu chefe lhe permite imprimir esses impulsos. Mais uma prova disso foi dada no primeiro leilão de conversão da dívida externa em capital de risco realizado na bolsa do Rio. Foram convertidos US\$ 150 milhões, metade com um deságio de aproximadamente 27% (aplicações livres), metade com deságio de 10% (aplicações incentivadas). Com isto a dívida externa brasileira diminuiu US\$ 186,5 milhões.

São estas as esperanças e perspectivas que se esvaem a conta-gotas a cada vez que o nosso Hamlet obriga sua equipe econômica a se submeter a humilhantes aparições nas telas de TV, como as de quarta-feira passada, para darem conta, à opinião pública brasileira e a todos os interessados no Exterior, do ponto em que anda o processo da sua própria "fritura"...